

Crise anunciada

A política de juros altos adotada pelo Banco Central tem o propósito de segurar a demanda global na economia. Além de diminuir a pressão sobre os preços de bens e serviços, a redução da demanda global contribuiria também para melhorar as contas do balanço de pagamentos, já que haveria mais excedentes para exportar, enquanto a importação se tornaria menos atraente. Juros altos também favoreceriam a entrada de capitais de curto prazo no país, e isso aliviaria o câmbio, uma das mais fortes fontes de pressão inflacionária.

Mas esse processo de redução na demanda global não ocorre de maneira uniforme e nem ao mesmo tempo em todos os setores da economia. O impacto da política de juros altos será mais sentido daqui para a frente, por exemplo, sobre a construção civil. Como, em consequência dessa política, as taxas de captação de recursos no mercado se descolaram daquelas que podem ser cobradas nos financiamentos para a compra da casa própria pela classe média, a Caixa Econômica Federal — responsável pela maior parte dos empréstimos no segmento — foi obrigada a suspender tais créditos. Embora a própria Caixa venha procurando uma alternativa, dificilmente a suspensão dos financiamentos para a classe média deixará de restringir novos lançamentos no mercado imobiliário. E uma retração na construção civil pode significar mais desemprego entre trabalhadores de

baixa qualificação.

Ou seja, a redução da demanda global seria um fator de agravamento dos problemas sociais mais sérios do Brasil.

Infelizmente o cenário internacional permanece complicado e incerto: é improvável, portanto, uma queda mais acentuada dos juros no curto prazo.

Como o torniquete sobre a demanda global deverá ser mantido pelos próximos meses, é importante que as autoridades econômicas comecem a adotar medidas setoriais compensatórias para evitar que os setores mais sensíveis aos efeitos dos juros altos tenham retração mais forte do que for absolutamente inevitável.

...retração
mais forte do
que for
absolutamente
inevitável

A construção civil certamente se inclui entre essas áreas. O setor não pressiona diretamente o câmbio. E como emprega mão-de-obra de pouca qualificação, o nível de consumo decorrente da geração de renda e emprego está quase todo concentrado em produtos básicos e essenciais, dos quais não será possível abrir mão (é fato que, de alguma maneira, essa demanda será mantida, pois o trabalhador da construção civil que for demitido receberá o seguro-desemprego do governo).

Uma crise na construção civil teria efeito psicológico extremamente negativo, sem qualquer ganho prático para o ajuste do conjunto da economia. Antes que a crise ocorra, o governo precisa encontrar uma fórmula que viabilize a reabertura do crédito imobiliário.